

24°

SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DE EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA
E SOCIEDADE: ENSINO HÍBRIDO
DE 12 A 18 DE NOVEMBRO DE 2019



Núcleo de
Educação On-line



ENSINO HÍBRIDO

DIÁRIO DE UMA CIBERAULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO ALUNO ESPECIAL DE MESTRADO

Fábio dos Santos Coradini/fabiocoradinic@gmail.com

Resumo

O referido artigo relata a experiência e vivência do autor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), na modalidade *Stricto Sensu* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizado no município de Seropédica na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O autor apresenta a sua descrição organizada e conduzida pela intervenção da prática de Diário Online, Metodologia Ativa utilizada nas aulas da disciplina Tópicos Especiais em Educação e Cibercultura, lecionada pela Professora Titular-Livre e Doutora em Educação Edméa Oliveira dos Santos. O objetivo deste relato de experiência é apresentar ao leitor o olhar de um Aluno Especial que se encontra no processo de inserção em um programa para Mestrado e consequentemente suas práticas e experiências em sala de aula. A importância de se tratar esse tema com evidência encontra-se norteado pelas condições vivenciadas na atualidade com as intervenções governamentais no sistema de ensino público e a postura de um aluno que almeja uma vaga de Mestrado em uma Universidade. Trata-se então da descrição de um dia de aula, ao qual o autor foi o responsável pela leitura do diário de aula. A aula, as práticas didáticas, as ambiências formativas, as propostas pedagógicas da disciplina, tornaram possível que o autor descreve em forma de relato as vivências construídas e cocriadas com alunos regulares e um Grupo de Pesquisa efetivado no campo científico.

Palavras-chave: Educação Superior. Mestrado. Cibercultura. Relato de Experiência. Pós-Graduação.

Abstract

This article reports the author's experience in the Postgraduate Program in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands (PPGEduc), in the *Stricto Sensu* modality of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ), located in the municipality of Seropédica in Metropolitan Region of Rio de Janeiro. The author presents his description organized and conducted by the intervention of the practice of Online Journal, Active Methodology used in the classes of the discipline Special Topics in Education and Cyberculture, taught by the Full Professor and Doctor in Education Edméa Oliveira dos Santos. The purpose of this experience report is to present to the reader the look of a Special Student who is in the process of insertion into a Master's program and consequently their classroom practices and experiences. The importance of treating this theme with evidence is guided by the conditions experienced today with government interventions in the public education system and the attitude of a student who wants a Master's degree position in a University. It is then the description of a class day, to which the author was responsible for reading the class diary. The class, the didactic practices, the formative ambiances, the pedagogical proposals of the discipline, made it possible for the author to describe in a report the experiences built and co-created with regular students and a Research Group effective in the scientific field.

Keywords: Higher Education. Master's degree Cyberculture. Experience Report. Postgraduate studies.

1. TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA: PRIMEIRO CORTE EPISTEMOLÓGICO

*Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
(PITTY, Admirável Chip Novo, 2003)*

No ano de 2019, após inúmeras análises de programas de Mestrado na cidade do Rio de Janeiro, optei em iniciar a minha jornada tornando-me aluno especial, dessa forma, me candidatei a uma vaga para o Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em especial para a disciplina Tópicos Especiais em Educação e Cibercultura, organizada e conduzida pela Professora Dra em Educação Edméa Oliveira dos Santos. Após ser selecionado, iniciei os estudos na referida disciplina, porém vale ressaltar que a referida escolha tem como base a obra científica da referida professora, a sua referência em estudos da cibercultura nos/dos/com os cotidianos e sua metodologia baseada no processo de pesquisa-formação.

Nesta disciplina éramos em 11 alunos especiais, 2 ouvintes e o Grupo de Pesquisa em Docência e Cibercultura (GPD OC), constituídos por 2 alunos de Doutorado, 1 de Mestrado e uma aluna de iniciação científica. As aulas foram sendo construídas perante os “¹Diários Online”, em que a cada aula um aluno deveria relatar de forma descritiva os processos aplicados e debates que foram sendo construídos na aula anterior, para que assim a nova aula fosse sendo resignificada e constituída. Compreendendo a importância de estar inserido em um programa de Mestrado e o quanto sua vivência seria importante para a definição de determinados rumos na minha vida acadêmica, utilizei como recurso de construção de saberes a prática do diário online, mediado pela Plataforma Edmodo e o aplicativo Evernote, ambos inseridos na Web 4.0².

Dessa forma, apresento a descrição de uma aula que se constituiu como um corte epistemológico na minha concepção de pesquisa e história acadêmica. Inicia-se assim: após algumas semanas, nos reencontramos na sala 30, do Prédio do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mais precisamente às 09h00 do dia 15 de abril de 2019, esperando por mais uma brilhante troca de conhecimentos com a Professora Edméa Santos. Confesso que fiquei nervoso e um pouco preocupado ao dissertar sobre os acontecimentos da aula do dia 8 de abril visto ser mais uma nova experiência neste processo, porém faz-se necessário quando o objetivo é perceber a construção de um debate democrático e plural.

¹ SANTOS, Edméa. CAPUTO, Stela. Diário de Pesquisa na Cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro/RJ: Omodê, 2018.

² A web 4.0 é um conjunto de soluções/artefatos que estão na internet, no que entendemos por web, mas que estão também na cidade, através da internet das coisas, da Inteligência Artificial, e até dos próprios processos de produção de bens, serviços e conhecimento, a exemplo das startups, dos fablabs, do co-worker, das mídias locativas, das tecnologias que levam as informações das cidades para o ciberespaço e vice-versa.

Um dos grandes movimentos internos que me deparei no decorrer de todas as nossas aulas foi o momento em que a professora levantou a necessidade de sermos autores da nossa fala. Sempre fui um aluno de escritas acadêmicas solitárias, primeiro pela vergonha na imersão da rede de contatos e depois porque minha compreensão de autoria era tímida e sem estima. Posso lhes garantir, que esta experiência foi um novo recomeço, por importantes razões, entre elas a construção da minha autorização como pesquisador e autor da minha escrita.

2. TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA: O SURGIMENTO DA AUTORIA

Após uma breve reconstrução do meu olhar sobre a autoria, me debruço para tentar tessitar tudo o que foi construído, reelaborado e ressignificado na aula do dia 08 de abril de 2019. Chegamos juntos, digo eu e a Professora Edméa, abrimos a sala de aula juntos, logo em seguida uma das companheiras de sala também a adentrou e assim iniciamos uma conversa informal, porém pontuada nas questões de elaboração do diário online. Logo após as 09h12 a Professora Edméa realiza a abertura da aula e direciona a leitura do diário para uma aluna especial, que apontava dúvidas sobre a sua produção. Posso adiantar, que ela apresentou uma escrita que nos permitiu entender a proposta de condução da atividade. Vale ressaltar, que nesta aula tivemos uma segunda leitura de diário, realizada por outro aluno especial a qual apresentou sua redação mediada pelo programa Evernote.

A tão esperada hora chegava, porém, posso destacar que o meu diário foi desenvolvido pensando em duas interfaces, uma produção escrita mediada pelo Google Docs e acolhida virtualmente na plataforma digital em que estabeleço a relação das minhas pesquisas, o Edmodo³. Após concluirmos as nossas pendências da aula anterior, iniciei a apresentação da minha escrita e fala. Neste momento, começo destacando a discussão mediada pelas questões das limitações de acesso à internet e as exclusividades após seu surgimento, a qual se direcionada apenas para militares e determinadas Universidade Públicas.

Neste momento da atividade, discutíamos sobre as fases tecnológicas, desde a Web 1.0 até a Web 4.0. Mediante a necessidade de complementar o diário, destaquei nesse contexto as cinco gerações tecnológicas, termo atribuído pela Professora Lúcia Santaella, ao publicar seu livro "Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade", no ano de 2007. Segundo Santaella (2007, p. 194), as cinco eras tecnológicas comunicacionais, coexistem e entretecem uma rede cerrada

³ Recomenda-se a leitura do texto FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PROPOSTAS MUDIÁTICAS MEDIADAS PELA REDE SOCIAL EDUCACIONAL EDMODO". Disponível em: https://esud2018.ufrn.br/wp-content/uploads/187200_1_ok.pdf.

de relações em que nenhuma delas é 'causa' das demais, todas se configuram como 'adjacências históricas' fortemente articuladas. Neste contexto, a autora nos permite compreender que nenhuma tecnologia da comunicação elimina as anteriores, mas se complementam e juntas organizam a composição intrínseca de uma cultura digital híbrida.

Santaella (2007) divide o tempo cronológico comunicacional da seguinte forma:



Figura nº 1

Fonte: <https://lh3.googleusercontent.com>

A internet com acessibilidade, permite caminhar entre as mais diversas gerações, promovendo uma transformação acelerada no/do/com o cotidiano de uma sociedade. As tecnologias móveis incorporaram-se em uma interface de linguagens em que analfabetos digitais e crianças conseguem dentro de uma ótica de acesso, promover interação e colaboração em rede. Nesse espectro, destacamos em sala de aula os princípios da cibercultura⁴ apresentados por Lemos (2004), o qual afirma que se faz necessário uma reconfiguração da paisagem infocomunicacional da sociedade, filtrando esse grande excesso de informação, compreendendo como produzir uma mineração de dados que seja capaz de incorporar a visão de reorganização das estruturas educacionais e de relações sociais do mundo.

⁴ Para Santos (2012), a cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais em rede e vem se caracterizando atualmente pela emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades. Concordamos com os autores, pois, conforme vão se entrelaçando as relações entre as pessoas e as tecnologias digitais, vão sendo produzidos linguagens e signos mediados e socializados pelo digital.

Aproveitei para tentar dialogar entre os autores apresentados em nossa ementa. Continuando a leitura do diário, destaco que o termo cibercultura, segundo Lévy (1999), expõe uma nova forma de comunicação gerada pela interconexão de computadores ao redor do mundo, não abrangendo apenas a parte de infraestrutura material, mas também esse novo universo informacional que abriga os seres humanos que a mantêm e a utilizam. A liberação do pólo da emissão cria uma importante autoria no processo de formação, ou seja, não somente um componente do processo possui a voz, todos se movimentam na relação comunicacional pois a informação encontra-se disponível. Nessa condensação, os princípios da conexão e da reconfiguração norteiam todo o contexto, porque “não basta emitir sem conectar”, pois, essas possibilidades aumentam continuamente as formas de produção e distribuição do conteúdo.

Dessa forma, Lemos (2004) afirma que a internet funciona como uma incubadora de mídias, destacando o blog como um produto de emissão que se apropria dessa primeira fase da cibercultura, estabelecendo o grande corte epistemológico, não se comparando a uma evolução de mídia, devido ao rompimento da lógica antiga, horizontalizando o rádio, cinema, jornal, televisão, pois mesmo tendo diferença entre as linguagens e estruturas midiáticas, a lógica da emissão é a mesma. Portanto, internet é comunicação, ou seja, quem abre o polo da emissão precisa saber conversar com a diferença e todas as vertentes impostas pela sua construção, formalizando a potência de que o receptor é emissor, mudando toda a customização da relação.

O debate em sala perpetuava nas questões sobre os princípios norteadores da cibercultura. Cabe-me destacar que no texto "Cibercultura como território recombinate" o pesquisador André Lemos explica os três princípios norteadores da cibercultura que são responsáveis pelas recombinações na cultura contemporânea, sendo eles: a liberação do pólo da emissão; o princípio da conexão em rede e a conseqüente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinaatórias. Perante esses argumentos, o emissor é um produtor de mensagem e conteúdo, então nós professores somos detentores e/ou mediadores de conhecimento expansível e acessível? Os alunos mesmo trabalhando em movimentos como salas de aula invertida ou interconectada a plataformas de aprendizagem online desejam nos ouvir?

Deixo aqui minhas indagações para juntos refletirmos. Seguindo com a leitura do diário, podemos então nesta perspectiva, contextualizar os conceitos com a afirmação de Castells (2000) em que as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores, smartphones e

tablets gera uma gama enorme de comunidades virtuais, face ao pressuposto do “Prólogo: Rede e Ser” (CASTELLS, 2000), onde vivenciamos essas interconexões dos indivíduos com os espaços virtualizados. A convergência das mídias para a internet transformou os setores, os processos de produção, a indústria, as empresas, a vida das pessoas.

Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma dessas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social, ainda pouco estabilizados. Vemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmo, um novo estilo de humanidade é inventado. (LÉVY, 1995)

Partindo dessa afirmativa de Lévy, o debate em sala nos direciona para questões que permeiam as noções de virtual, real e atual. A Professora Edméa desequilibra a turma com as concepções teóricas que envolvem a virtualização em sua linearidade híbrida com o ser humano, que segundo a sua fala nos permite entender que “virtualizar é criar, estabelecer o ser humano como identidade fluída”. Vejamos o mapa mental:

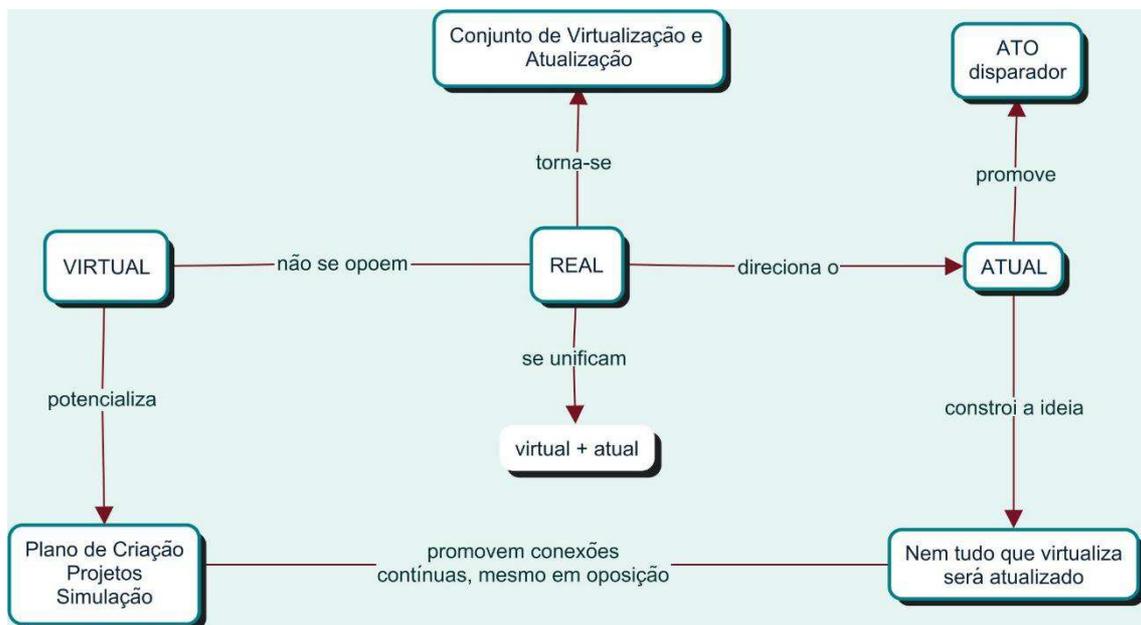


Figura nº 2
Fonte: Autor

De acordo com Marilena Chauí (2017), o ser humano nasce em um campo com grandes simbolizações, o que em contrapartida, é desconstruído com a grande emancipação da tecnologia, como elemento único a reconstrução da vida em sociedade. Em muitos momentos a realidade virtual se sobrepõe à vida real, permitindo aos novos emancipados digitais criarem

o que desejam, vivendo mergulhados em um mundo onde a relação espaço-tempo é comandada por um universo paralelo.

Ainda, segundo a filósofa, a relação corpo a corpo nos possibilita ser espacial e temporal. O mundo virtual não tem a referência do espaço e do tempo como o centro da nossa experiência. Não é mais essa experiência é outra experiência. O que se passa quando a espacialidade e a temporalidade do nosso corpo e da nossa experiência se perdem na atopia, ou seja, na ausência de lugar e ausência de espaço e na acronia, na ausência do tempo. São duas ausências, a atopia e a acronia, que caracterizam o mundo virtual.

Lévy (1996) apresenta a oposição entre real e virtual, defendendo que o virtual, na verdade, se opõe ao atual, na medida em que tende a atualizar-se, sem chegar, contudo, à uma concretização efetiva. O autor prossegue sua argumentação, buscando uma base em Deleuze, para afirmar que o virtual se distingue, ainda, do possível, na medida em que este último já estaria constituído, estando somente em estado latente, pronto a se transformar no real. Não teria, assim, a criatividade do virtual.

Para tanto, estabeleço assim uma relação com a presença diária da tecnologia na vida das pessoas, a qual vem ocasionando mudanças comportamentais e nos hábitos de cada um. Os movimentos da atopia e acronia (CHAUÍ, 2017), ou seja, tornaram-se naturais nos processos internos que organizam a sociedade, onde as informações passaram a ser mais velozes e imediatas e o conhecimento começou a ser a grande peça chave para o sucesso na nova sociedade informacional. Vale ressaltar, que o homem é um ser temporal e espacial, pois somos o centro da experimentação.

Segundo Santos (2019), tudo o que acontece no plano do virtual em termos de potência é real, é realidade, ou seja, toda a ação do ser humano é o produto das suas relações com os diversos cotidianos e grupos que fomentam a sua identidade. Portanto, o atual pode existir sem o virtual e vice-versa, porque pode-se ficar no plano da potência e da criatividade e em nenhum momento transformar o projeto em ato.

No campo educação, os investimentos humanos precisam estar no processo de virtualização e atualização, criando ambiências formativas que permitam aos alunos virtualizarem, pois, virtualizar é criar, simular, fazer conta. Neste momento da aula, percebemos o quão é importante os processos de virtualização para que o professor possa desenvolver ambientes formativos e que promovam uma contextualização com o real praticado e vivenciado. O contexto do pensamento único, promove um direcionamento unilateral em prol da doutrinação, porém dentro do espaço educacional necessitamos de uma diversidade

multirreferencial de possibilidades e ampliação de repertório, valorizando os rastros históricos e as mudanças importantes estabelecidas pelas marcas criadas e co-criadas pelos seres humanos no mundo, as quais são materializadas em ações práticas.

Destacamos também, a importância de perceber que esses rastros criados e materializados, funcionam como um ato disparador no campo atual e real, gerando processos potencializadores na virtualização e atualização. A aula perpassa por pontos vigorantes da relação do humano com os movimentos digitais, aos quais potencializam muito a linguagem multimodal, entre eles a alfabetização e letramento. Neste momento da aula, a Professora Edméa promove um passeio pelas questões que envolvem questões pertinentes perante a integração do digital com a leitura.

A grande potencialidade da aula do dia 08 de abril esta baseada nas nuances e caminhos que o discurso vai se construindo, evidenciando uma rede de argumentações e posicionamentos. Após um intenso debate sobre os diversos pontos abordados, nos deparamos com as questões que permeiam o letramento digital dentro da cibercultura. Percebemos assim em suas afirmativas, que o letramento é quando o indivíduo sabe usar socialmente a língua e o alfabetizado é quando este indivíduo domina os códigos, porém socialmente não realiza a integração, mesmo decodificando os códigos e escrevendo-os. Nesse contexto, o analfabeto funcional é o indivíduo que utiliza a língua, reconhecendo os códigos e não desenvolve o uso funcional da língua. Percebendo essa relação do ser humano, a linguagem e o digital, principalmente na era pós *whatsapp*, as pessoas tornaram-se letradas digitais, porém muitas vezes analfabetas literais, funcionais e políticas.

Neste universo de complexidade do virtual os professores necessitam compreender a importância da dromoaptidão, conforme relatada no diário da aula anterior. Esse novo tema apresentado em sala pela Professora Edméa criou grandes curiosidades entre os alunos. A professora nos apresentou o autor Eugênio Trivinho e seu livro "A Dromocracia Cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. Como um aluno curioso fui buscar informações sobre este novo conceito e que segundo Trivinho (2007) a dromoaptidão possui efeito no âmbito individual, contra a alteridade, isto é, aquela característica do comportamento humano de se colocar no lugar do interlocutor, na relação interpessoal bem-intencionada e com consideração, valorização, identificação e dialogo, à semelhança da técnica da empatia, que é muito utilizada nas relações de atendimento e prestação de serviços no mercado de trabalho em geral.

***Dromo* = velocidade**

***Aptidão* = capacidade de mobilizar**

competências para resolver problemas.

Figura nº 3
Fonte: Autor

Portanto, me permito a implicar questões que nos direcionem as vias de imersão cibercultural, ou seja, quais as possibilidades pedagógicas, nós, professores, necessitamos para transpor as barreiras políticas e oferecer midiaticamente e digitalmente oportunidade a nossos alunos em virtualizar seus atos em prol de mudanças sociais? Mesmo que essas mudanças sejam na comunidade, no bairro, na escola ou na sala de aula?

Santos (2009) afirma que o ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias. “A rede é a palavra do ciberespaço” (SANTOS, 2009, p. 56). O que se pode ainda buscar é a inteligência lógica em como agregar aos movimentos sociais, esses novos modelos de comunicação e de desenvolvimento de pesquisa.

Nesse universo cibercultural, precisamos entender que o sujeito ciber de hoje não é mais o homem branco, urbano e informata. Vivenciamos a multiplicidade do acesso e as diversas formas conforme ele se propaga na sociedade. Pensando neste novo sujeito, a aula destaca questões pertinentes perante a triangulação ampliada, onde a aplicabilidade do discurso necessita antes de tudo “autoria”. O espectro da pesquisa se norteia pela sua implicação e a prática sistematizada a ser realizada neste diálogo.

3. TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA: MINHAS CONSIDERAÇÕES

De acordo com Bruno (2012) a consequência da relação de autoria, também se encontra no acesso, na socialização e na construção de novos conhecimentos, gerando coaprendizagens. Retomando o olhar para as criações no ciberespaço, Bruno (2012), ressalta que as relações, interações, as cocriações e as coproduções fazem parte das multiplicidades no ciberespaço, auxiliando as docências online e os processos de mediação.

A referida experiência como aluno especial de um programa de Mestrado me fez compreender a minha importância como disseminador de pesquisas, formações e ações praticadas na Universidade. Como professores, construímos diariamente olhares capazes de

despertar reações perante inquietações que possam modificar estruturas ou reelaborar atitudes. Destaco as minhas problematizações quanto ao campo de interfaces online, redigidas perante diversas nomenclaturas que vão de ambientes virtuais e redes sociais. Portanto, me declino sobre minhas preocupações iniciais que se fundamentavam em entender como alunos e professores poderiam didaticamente construir saberes e fazeres mediados por ferramentas tecnológicas. Diariamente, buscando outros olhares, fui compreendendo que ferramentas e interfaces caminhavam em planos diferentes.

É sabido que as novas tecnologias, dentre elas o computador através da internet, constituem, a partir de vários aspectos, uma fonte alternativa de informações. Dessa forma, conforme nos assegura Pretto (2001), vivemos em uma sociedade do *mass media*, a sociedade da comunicação generalizada, que está introduzindo modificações profundas no conjunto de valores da humanidade, estabelecendo uma nova ordem e concepções da identidade dos sujeitos.

A ciberaula do dia 08 de abril de 2019, conectou-me com diversos conceitos ainda em formação no meu projeto de pesquisa e que fortemente me direcionaram para outros campos exploratórios e teóricos. Alunos conectados, professores em conexão. Trata-se de uma provocação ao debate, de uma leitura de cenário e de um diagnóstico do espaço de construção do conhecimento, onde alunos estão em um ritmo acelerado, apropriando-se das mais diversas formas de comunicação informacional: convergentes, interconectadas e móveis. O objetivo do meu estudo é ressignificar a ótica de aplicação da tecnologia no campo educacional, mais precisamente de uma interface online, em suas especificidades e do possível diálogo com o processo de aprendizagem. A sala de aula, atualmente, é um dos grandes observatórios dessa (co) dependência dos alunos com as formas midiáticas existentes no campo informacional e, nesse sentido, partindo dos pilares epistemológicos da complexidade nos modos de ser e de viver é que busco todos os dias entender como aliar interfaces potencializadores do saber com a prática cotidiana de docentes.

Portamos, destaco que somos produtos da nossa experiência, vivenciamos, praticamos e nos utilizamos da nossa fala para interagir, criar e cocriar. As experiências significativas como aluno especial me fizeram conhecer um espaço aquém das minhas ilusórias simbologias, me reconstruíram, me resignificaram, me oportunizaram a fala, me libertaram e acima de tudo me autorizaram. Eu sou minha autoria.

4. REFERÊNCIAS

Bruno, Adriana Rocha. **Redes rizomáticas de coaprendizagem: espaços de pesquisa e formação**. Revista Educação Online PUC-Rio, nº 11, 2012. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0. Acesso em 12 abr. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. 8ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

CORADINI, Fábio Santos. **Formação de Professores: propostas midiáticas mediadas pela rede educacional Edmodo**. Disponível em: https://esud2018.ufrn.br/wp-content/uploads/187200_1_ok.pdf. Acesso em 13 abr. 2019.

CHAUÍ, Marilene. **Espaço, tempo e mundo virtual** (2017). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y. Acesso em 13 abr. 2019.

LEMONS, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Sulina, Porto Alegre., 2002.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?**. Rio: Editora 34, 1996.

_____. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio: Editora 34, 1995.

_____. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo : Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Werley Carlos de. Entrevista com Edméa Oliveira dos Santos. Teccogs: **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUCSP, São Paulo, n. 16, p. 10-28, jul-dez. 2017.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro. Educação e multimídia**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Edméa. **Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura** (2009). Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t12/t12c427.pdf>. Acesso em 09 abr. 2019.

_____. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter. **Revista COM CIÊNCIA**. N. 139, online, jun. 2012. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=74&id=932>. Acesso em 23 de jun. de 2012. Acesso em 11 set. 2019.

_____. **Diário de Pesquisa na Cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos**. Rio de Janeiro/RJ: Omodê, 2018.

TRIVINHO, Eugênio. **A Dromocracia Cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.